



CÂMARA DOS DEPUTADOS

COMISSÃO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA, COMUNICAÇÃO E INFORMÁTICA

REQUERIMENTO Nº DE 2012. (Do Sr. Emiliano José / Do Sr. Sibá Machado)

“Requer a realização de Audiência Pública para discutir o PLnº 5534/09, que veda a transmissão de lutas marciais pelas emissoras de televisão na forma que especifica e dá outras providências”.

Senhor Presidente,

Requeiro, com fundamento no art. 255 do Regimento Interno da Câmara dos Deputados a Vossa Excelência, a realização de Audiência Pública para discussão do PL nº 5534/09, que “veda a transmissão de lutas marciais pelas emissoras de televisão na forma que especifica e da outras providências”.

Representantes:

- 1) Diretor de Esportes da Rede TV, Sr. Sidnei Bortotto;
- 2) Diretor de Esportes da Rede Globo, Sr. Marcelo Campos Pinto;
- 3) Diretor de Esportes da Rede Record, Sr. Sérgio Hilinsky;
- 4) Diretor de Esportes do Canal Combate, Sr. Pedro Garcia;
- 5) Sr. Anderson Silva, Lutador Profissional de MMA;
- 6) Presidente da Frente Parlamentar Católica, Deputado Federal José Linhares;
- 7) Presidente da Frente Parlamentar Evangélica; Deputado Federal João Campos;
- 8) Sr. Emir Sader (Filósofo e Cientista político)
- 9) Mário Sérgio Cortella (Prof. Filosofia PUC/SP)...;
- 10) Coordenadora do Curso de Sociologia da PUC/SP, Prof^a. Dr^a. Rita de Cássia Alves de Oliveira;
- 11) Coordenador da Câmara Técnica de Medicina do Esporte do Conselho Federal de Medicina, Dr. Emmanuel Fortes Silveira Cavalcanti;
- 12) Presidente do Conselho Federal de Psicologia, Dr. Humberto Cota Verona;

JUSTIFICATIVA

A presente solicitação, Senhor Presidente, visa ampliar a discussão acerca do Projeto de Lei nº 5534/09, que tem o objetivo de vedar a transmissão de lutas marciais não olímpicas pelas emissoras de televisão, ora em análise nesta Comissão de Ciência e Tecnologia, Comunicação e Informática.

As justificativas contidas na proposta estampam algumas das preocupações acerca da violência e ofensa aos direitos humanos, que transcrevemos:

“Propomos tal providência, Prezados Pares, tendo em vista a banalização da violência nos canais da televisão brasileira, chegando ao cúmulo de transmitir violentas lutas até mesmo em horários comuns às crianças e adolescentes.

...

... o Projeto tem por finalidade resguardar que crianças, adolescentes, jovens e até mesmo adultos, vejam cenas de violentas explícitas e voluntárias, com o fito de saciar a sana de alguns, quase sempre em busca de fama e dinheiro fácil.”

O mundo sabe o que é barbárie. Experimentou-a e experimenta-a nos dias de hoje, lamentavelmente, sob diversas formas. Penso nas mais recentes – A guerra do Iraque ou a do Afeganistão, por exemplo. Ou as do século XX, as duas grandes guerras. Theodor Adorno, notável pensador do século XX, vinculado à chamada Escola de Frankfurt, dizia que a principal missão da educação é educar contra a barbárie, e falava nisso lembrando-se do que fora o horror do Holocausto.

Sob um sentido muito amplo, continua de pé a ideia de que precisamos educar contra a barbárie, para que não repitamos holocaustos de toda natureza, para que não estimulemos a humanidade a repetir violências. Sem a pretensão de quaisquer remissões históricas amplas, ao pensar no projeto apresentado, vem-me à memória, quem sabe como recuperação de ancestralidades perdidas ou de imagens cinematográficas, a imagem dos gladiadores romanos.

E a lembrança não é despropositada, não está fora de lugar. A contemporaneidade ávida pelo lucro e pelo espetáculo e pelo sadismo recupera a barbárie do passado, sem muitas diferenças. As lutas marciais não olímpicas provocam uma remissão quase automática ao Coliseu Romano, a mais famosa das arenas onde lutavam os gladiadores. Um tinha que vencer, o outro seria morto ou chegaria a ferimentos que o impossibilitavam de lutar. Neste caso, à vista da reação dos espectadores, e por decisão do presidente dos jogos, o ferido podia ser morto, ou continuar vivo. No mais das vezes, era morto, para delírio dos que assistiam. Será que isso nos lembra alguma coisa? As lutas entre gladiadores começaram em 286 A.C. e terminaram em 325 D.C., sob Constantino.

As sociedades tem obrigação de educar seus cidadãos, as crianças e adolescentes de modo especial, para a solidariedade, para o espírito coletivo, para a paz. A educação não é atribuição exclusiva da escola estrito senso. Um conjunto de instituições é que acabam por configurar a educação – e, sem dúvida, a televisão, por seu enorme poder, é parte do esforço educacional, até por atribuição constitucional.

A televisão, por todas as razões, não deveria ser, sob nenhuma hipótese, veículo destinado ao estímulo da violência, da educação para a violência, canal para estimular os sentidos mais animais do ser humano. Ninguém argumente que é isso que o povo quer, que é isso que o povo gosta. O entretenimento pode ser rico culturalmente, pode ser denso intelectualmente. Resta que se lhe ofereça à nossa população, muitas vezes submetida a espetáculos degradantes. Recordo que os romanos ofereciam o espetáculo dos gladiadores sob o lema do Panis Et Circensis. Nosso pão e circo, hoje, em muitos casos, é oferecido pela televisão, sob o falso argumento de que “é isso que o povo quer”.

Recentemente, no dia 24 de fevereiro deste ano, o site **Yahoo! Esportes**, noticiou que um jovem lutador americano de MMA (Mixed Martial Arts), Jeff Dunbar, 20 anos, ficou tetraplégico após luta da qual participou em dezembro de 2011. Além da perda dos movimentos das pernas e das mãos, Dunbar perdeu também a fala após sofrer um golpe de seu adversário. O trágico é que, sempre, assistimos, de um lado, a comemoração entusiástica, quase em transe, do vencedor, e de outro, lá num canto do ringue, vemos o derrotado, às vezes com sequelas para o resto da vida.

Um “finaliza” o outro – e a finalização pode ser para toda a vida. Não quero dizer sequer que vemos cenas animais – sempre insisto que os animais matam para sobreviver, e ponto. Não torturam. Os humanos, quando levados a lutas como a lutas do gênero MMA, se comprazem em torturar, em finalizar, em fazer sangrar, em desfigurar o outro – momentaneamente ou para sempre. Não se diga que estamos exagerando, porque não estamos. É a pura e simples e dramática e trágica realidade do MMA e UFC, cujos espetáculos são exibidos pela tevê para toda a humanidade. Luta de gladiadores. Para matar ou morrer. Para impingir sofrimento. Para fazer sangrar. Para quebrar. Finalizar.

Em reportagens dos sites da **Revista Abril** e **UOL** do dia 29 de junho de 2010, foi noticiado o terceiro caso de morte no MMA. O primeiro, em 1998, do americano Douglas Dedge, de 31 anos, na Ucrânia, após levar mais de 15 socos na cabeça. O segundo, em 2007, do lutador Sam Vasquez, de 35 anos, por hemorragia cerebral, e o terceiro, do americano Michael Kirkham, de 30 anos, ambos nos EUA. Assim, não é mais possível o argumento, que seria absurdo, mas pode aparecer, que esses combates não matam. Matam e vão continuar a matar e a sequestrar. Se continuarem, como continuam.

A barbárie vem em torrentes. O jornal **Extra Online** (21/09/11), publicou imagens do jornal “Daily Mail”, que provocaram polêmica em todo o mundo. Nas imagens, dois garotos, aparentemente na faixa dos oito anos de idade, aparecem lutando em um ringue, sem nenhum tipo de proteção. Em determinado momento, um deles parece estar chorando. A equipe médica se aproxima para avaliar, e autoriza o prosseguimento. As cenas foram gravadas em um evento que teve ingressos esgotados na cidade de Preston, Lancashire, nos Estados Unidos. O que é isso senão a barbárie estimulada, e estimulada a partir dos grandes espetáculos de MMA? Isso não constitui crime? Vamos continuar educando nossas crianças para a barbárie?

Em reportagem do site **G1** do dia 29/08/2011, um estudante foi agredido em saída de bar, após a transmissão da luta de Anderson Silva, no campeonato de MMA (Mixed Martial Arts). O estudante, de 21 anos, diz ter sido agredido ao sair de um bar na quadra 106 Sul, em Brasília, não sabendo o motivo, mas em seu depoimento disse que os agressores deviam estar empolgados com a luta transmitida pela televisão, tendo em vista a forma que agiram.

O próprio presidente do UFC (Ultimate Fighting Championship), Dana White, segundo reportagem do site **SportTV**, de 20 de novembro de 1911, reconheceu que se a luta ocorrida no dia 19 daquele mês, entre os lutadores Shogun Rua e Dan Henderson, plena de brutalidade, com os lutadores bastante feridos em decorrência dela, tivesse sido transmitida pela primeira vez em TV aberta para os EUA e Europa, teria causado um impacto negativo na população:

“...Se esta luta que aconteceu hoje fosse na TV aberta pela primeira vez na

historia, eu não estaria bem nos próximos cinco ou seis dias. Temos de entrar aos poucos. Vivemos numa bolha que o resto do mundo não entende. Ainda estamos no processo de “educar” as massas sobre o esporte. Nós apreciamos o que esses caras passaram, mas o resto do mundo diria (expressão assustada): “Oh meu Deus, o que foi isso?”.

Inúmeros especialistas e entidades, dentre as quais a Associação Médica Britânica e a Associação Médica do Canadá, condenam esse tipo de luta, sendo que esta última vem tentando banir o MMA do país. Segundo reportagem publicada no site **UOL**, em 26 de agosto de 2010, os médicos canadenses, assim como outros especialistas que são contra o MMA, fazem comparações: “...*Os romanos encenaram os jogos gladiadores pela última vez no século IV. É inaceitável que, na era moderna, continuemos autorizando esportes sangrentos como o MMA, cujo objetivo principal é a mutilação de um ser humano*”.

Segundo os médicos especialistas, os lutadores de MMA correm o risco de sofrer várias lesões graves, incluindo membros quebrados, lacerações e lesões cerebrais, embora não só. Barbárie, pura barbárie.

Na França, o MMA é ilegal. Já houve tentativas dos promotores de MMA e de UFC de desembarcarem em terras francesas, mas nada. Ao menos até agora. Na cidade de Nova York, a modalidade não é aceita legalmente.

Os combates realizados no dia 12 de novembro, em Toronto, no Canadá, impressionaram pela brutalidade, por uma violência diríamos inadmissível, sobretudo porque permitida, porque admitida. As vítimas desse dia são nossos conterrâneos. Dois brasileiros participaram: Lyoto Machida enfrentou Jon Jones, e Rodrigo Minotauro Nogueira defrontou-se com Frank Mir. Lyoto Machida, ao ser “finalizado” por uma guilhotina em pé – não é estranho dizer assim? – desmaiou, caiu desacordado. Simplesmente. Minotauro teve o seu braço quebrado. Simplesmente.

É impressionante a foto de Minotauro olhando para o seu braço quebrado, deslocado, entre triste e apavorado. O úmero fraturou e ele teve que fazer uma cirurgia de emergência. Uma chave de braço o finalizou. Frank Mir, o algoz de Minotauro, ganhou o prêmio pela “melhor finalização”. A violência, quanto maior, mais premiada.

Do nosso ponto de vista, e creio que é também do autor do projeto, campeonatos de MMA e UFC, não são apropriados para seres humanos. Os animais, já o dissemos, não adotam tais práticas. O que o projeto discute, no entanto, é apenas e tão somente é que eles não sejam transmitidos pela televisão no Brasil.

Por outro lado, eventos envolvendo campeonatos de MMA e UFC, ex-vale-tudo, tem se mostrado negócios altamente lucrativos às emissoras, que movimentam cerca de US\$ 100 milhões ao mês nos países envolvidos, conforme reportagem do jornal Folha de S. Paulo.

Devemos evitar que os canais busquem audiência a qualquer preço sem medir consequências ou o impacto em nossa juventude, já bastante afetada com o crescimento, também, do consumo de drogas.

Nestes termos, Senhor Presidente, com vistas a dar mais conteúdo à discussão da proposta é que solicitamos o apoio dos Nobres Pares, para a aprovação deste Requerimento.

Sala da Comissão, 14 de Março de 2012.

DEPUTADO EMILIANO JOSÉ

PT/BA

DEPUTADO SIBÁ MACHADO

PT/AC